www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 164, 2026 | DOI: 10.69849/d7kre888

Esporotricose felina.

Feline Sporotrichosis.

Brenda Maria Rodrigues Vieira
Thais de Souza Doneida
Orientadora: Priscila de O. Barbosa

RESUMO

A esporotricose é uma micose subaguda ou crônica causada por fungos do gênero Sporothrix, que acomete humanos e diferentes espécies animais, com destaque para os felinos domésticos. Nos gatos, a infecção pode estar associada a comportamentos como acesso à rua, disputas territoriais, acasalamento e contato com ambientes contaminados. A transmissão zoonótica ocorre principalmente por arranhaduras, mordidas e contato com lesões de animais infectados. A doença apresenta manifestações cutâneas localizadas, disseminadas, linfocutâneas e, menos frequentemente, extracutâneas. O diagnóstico considera histórico, sinais clínicos e exames laboratoriais, incluindo citologia, histopatologia e cultivo micológico. O tratamento é realizado com antifúngicos, sendo o itraconazol apontado na literatura-base como terapia de primeira linha para felinos. A prevenção envolve medidas de manejo, castração, cuidado ambiental e guarda responsável. Este trabalho tem como finalidade reunir informações sobre os aspectos clínicos, diagnósticos, terapêuticos e epidemiológicos da esporotricose felina, destacando sua importância para a saúde pública.

Palavras-chave: zoonose, Sporothrix spp., felinos domésticos, micose, saúde pública.

ABSTRACT

Sporotrichosis is a subacute or chronic mycosis caused by fungi of the genus Sporothrix, affecting humans and several animal species, especially domestic cats. In cats, infection may be associated with behaviors such as outdoor access, territorial disputes, mating, and contact with contaminated environments. Zoonotic transmission occurs mainly through scratches, bites, and contact with lesions of infected animals. The disease may present as localized cutaneous, disseminated, lymphocutaneous, and, less frequently, extracutaneous forms. Diagnosis considers clinical history, signs, and laboratory tests, including cytology, histopathology, and fungal culture. Treatment is based on antifungal drugs, with itraconazole described in the reference literature as first-line therapy in cats. Prevention includes management measures, neutering, environmental care, and responsible ownership. This study aims to gather information on the clinical, diagnostic, therapeutic, and epidemiological aspects of feline sporotrichosis, highlighting its importance to public health.
Keywords: zoonosis, Sporothrix spp., domestic cats, mycosis, public health.

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma infecção fúngica de evolução subaguda ou crônica, causada por fungos do gênero Sporothrix. A enfermidade pode acometer seres humanos e diferentes espécies animais, sendo os felinos domésticos especialmente relevantes em razão de sua participação nos ciclos de transmissão zoonótica (MEINERZ, 2007; BARROS, 2010).

A doença pode apresentar diferentes manifestações clínicas, incluindo formas cutâneas localizadas, linfocutâneas e disseminadas. Em situações menos frequentes, pode ocorrer comprometimento extracutâneo, com envolvimento de órgãos como pulmões, linfonodos, fígado, baço e rins. Entre os achados clínicos descritos estão nódulos, úlceras e lesões com secreção purulenta ou sanguinolenta.

A transmissão entre animais e humanos está relacionada principalmente à arranhaduras, mordidas e contato direto com felinos infectados, inclusive aqueles sem sinais clínicos evidentes. O risco de exposição pode ser maior entre pessoas que

trabalham em áreas rurais ou que mantêm contato frequente com gatos, como médicos-veterinários e estudantes de Medicina Veterinária (MEINERZ, 2007; BARROS, 2010).

A esporotricose é considerada um problema relevante de saúde pública devido ao seu potencial zoonótico e à ocorrência de surtos. No município de São Paulo, a notificação de casos em cães e gatos tornou-se obrigatória em dezembro de 2020, conforme informado no material de referência. Nesse contexto, a educação em saúde, o diagnóstico precoce, o tratamento adequado e as medidas de prevenção e controle são aspectos importantes para o enfrentamento da doença (LARSSON, 2011; PIMENTEL et al., 2011).

Diante disso, este trabalho reúne informações da literatura-base sobre a esporotricose felina, abordando sua etiologia, patogenia, manifestações clínicas, diagnóstico, tratamento, prognóstico, prevenção e implicações para a saúde pública.

1.1 Etiologia

A esporotricose é causada por fungos do gênero Sporothrix. Embora possa acometer diferentes mamíferos, os gatos são apontados como os animais de companhia mais afetados. A inoculação pode ocorrer durante mordidas e arranhaduras associadas a brincadeiras, cópula e disputas, bem como pelo contato com solo, árvores, troncos e outros locais onde o agente esteja presente (LARSSON, 2011; MONTENEGRO et al., 2014; MACÊDO-SALES et al., 2018).

Machos não castrados e com acesso à rua são descritos como importantes do ponto de vista epidemiológico, pois podem apresentar maior exposição a conflitos territoriais e acasalamento, situações que favorecem lesões cutâneas e a inoculação do agente (ANDRADE et al., 2021).

1.2 Patogenia

A infecção geralmente ocorre por inoculação traumática, uma vez que o fungo não costuma penetrar a pele íntegra. Após alcançar tecidos mais profundos, o agente pode modificar sua forma, passando à fase leveduriforme. A termotolerância, a produção de melanina e a presença de adesinas e proteínas relacionadas à virulência

são descritas como características que contribuem para a patogenicidade (LAZARO et al., 2008; MEGID; RIBEIRO; PAES, 2016).

A disseminação pode ocorrer por vias linfática e hematógena. O período entre a infecção e o aparecimento dos sinais clínicos é variável; o material-base relata intervalo de três a 84 dias, com média de 21 dias, podendo haver influência do estado imunológico do animal (LARSSON, 2011).

1.3 Manifestações clínicas

Nos felinos, a esporotricose pode apresentar formas cutâneas localizadas, disseminadas, linfocutâneas e extracutâneas. As lesões podem ser observadas especialmente na região da cabeça, no focinho, nos membros torácicos, na cauda e em superfícies mucosas. São descritos nódulos, pústulas e abscessos que podem fistular, liberar secreção serossanguinolenta ou purulenta e evoluir para ulceração, necrose e formação de crostas (LARSSON, 2011; LITTLE, 2015; BAZZI et al., 2016).

1.4 Forma cutânea localizada e disseminada

As apresentações cutâneas podem envolver uma ou várias áreas lesionadas. Em alguns casos, as lesões podem regredir espontaneamente; em outros, a infecção pode progredir e atingir tecidos ou órgãos, por disseminação linfática ou hematógena (PIRES, 2017).

1.5 Forma linfocutânea

A forma linfocutânea ocorre quando o agente se dissemina pelo sistema linfático a partir de uma lesão cutânea. Pode haver formação de nódulos firmes em cadeia, que aumentam de tamanho, tornam-se flutuantes e, por vezes, ulceram. Também pode ocorrer aumento dos linfonodos regionais (FARIAS, 2000).

1.6 Forma extracutânea

A forma extracutânea é descrita como rara e de difícil diagnóstico. A disseminação por via linfática e venosa pode comprometer um ou mais sistemas, incluindo os sistemas respiratório, digestório, ocular, nervoso e reprodutivo, além de

estruturas ósseas. A evolução pode estar relacionada ao estado imunológico e ao tempo decorrido até o início do tratamento (BARROS; ALMEIDA PAES; SCHUBACH, 2011; FRANCESCHI et al., 2018; FURTADO et al., 2019).

1.7 Diagnóstico

O diagnóstico considera dados epidemiológicos, histórico do animal e manifestações clínicas, sendo necessária a confirmação laboratorial. Hemograma e exames bioquímicos podem ser utilizados para avaliar o estado geral e investigar alterações concomitantes. Entre as alterações inespecíficas descritas estão anemia, leucocitose, hiperproteinemia, hiperglobulinemia e hipoalbuminemia, especialmente em apresentações sistêmicas (LARSSON, 2011).

1.8 Histopatologia

A avaliação histopatológica pode ser realizada com material obtido por biópsia incisional ou excisional e, em determinados contextos, por necropsia. As lesões podem apresentar dermatite piogranulomatosa difusa, acantose, ulceração, crostas e exsudato (LARSSON, 2011; BAZZI et al., 2016).

1.9 Exame micológico

O cultivo micológico é descrito como método importante para a identificação de espécies do gênero Sporothrix. O material-base o caracteriza como ferramenta de execução relativamente simples e baixo custo, além de apontá-lo como método de referência para confirmação diagnóstica (SANTOS et al., 2018).

1.10 Citologia

A citologia pode ser realizada a partir de exsudatos, aspirados de abscessos ou nódulos e impressões de lesões cutâneas. Dependendo do órgão acometido, outros materiais biológicos podem ser considerados, como urina, escarro, líquido cerebroespinhal e fluido sinovial (LITTLE, 2015; BARROS; ALMEIDA PAES; SCHUBACH, 2011).

1.11 Tratamento

O tratamento da esporotricose é baseado no uso de antifúngicos. O itraconazol é apresentado no material-base como medicamento de primeira linha para felinos, atuando na inibição da síntese de ergosterol da membrana fúngica. A literatura consultada também menciona fluconazol, cetoconazol, terbinafina, anfotericina B e iodeto de potássio, embora as indicações, evidências e limitações variem entre os fármacos (MEGID; RIBEIRO; PAES, 2016; REIS et al., 2016).

O material-base destaca que a absorção do itraconazol pode ser favorecida quando administrada com alimento e que a associação com inibidores da bomba de prótons pode reduzir sua eficácia em razão de alterações do pH gástrico. A escolha do protocolo, o acompanhamento e a duração do tratamento devem ser definidos pelo médico-veterinário conforme as condições do paciente.

1.12 Prognóstico

O prognóstico pode variar conforme a resposta imunológica, a extensão e o tempo de evolução da infecção, a espécie animal e a cepa de Sporothrix envolvida. Embora seja frequentemente descrito como favorável, há casos que podem evoluir para quadros incapacitantes ou fatais (LOPES-BEZERRA; SCHUBACH; COSTA, 2006; LARSSON, 2011; MONTENEGRO et al., 2014).

1.13 Profilaxia e controle

Entre as medidas preventivas descritas estão a castração, a redução do acesso dos gatos à rua, o manejo que diminua disputas e acasalamentos, a limpeza do ambiente e a remoção adequada de materiais orgânicos em decomposição e resíduos que possam favorecer a permanência do agente. A guarda responsável e a adesão dos tutores ao tratamento também são apontadas como relevantes para o controle (BARROS; ALMEIDA PAES; SCHUBACH, 2011; MILLINGTON, 2017).

1.14 Saúde pública

A esporotricose tem importância zoonótica, sobretudo pela possibilidade de transmissão associada ao contato com gatos infectados. Em humanos, as

manifestações descritas incluem pápulas e nódulos que podem evoluir para úlceras, frequentemente em áreas expostas a arranhões e mordidas. Formas extracutâneas são menos comuns, mas podem comprometer órgãos internos e exigir diagnóstico diferencial com outras enfermidades (BARROS et al., 2010; EYER-SILVA; SILVA; MARTINS, 2017; LÁZARO et al., 2008).

A prevenção da transmissão depende de informação à população, reconhecimento precoce de lesões suspeitas, busca por atendimento, manejo seguro dos animais e implementação de ações integradas de saúde animal e saúde humana.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Reunir e descrever informações científicas sobre a esporotricose felina, considerando seus aspectos etiológicos, clínicos, diagnósticos, terapêuticos e epidemiológicos, bem como sua relevância para a saúde pública.

2.2 Objetivos específicos

- Apresentar o agente etiológico e os principais mecanismos envolvidos na patogenia da esporotricose felina.
- Descrever as formas clínicas da doença e suas manifestações nos felinos.
- Caracterizar os principais métodos utilizados no diagnóstico da esporotricose.
- Reunir informações sobre as abordagens terapêuticas e os fatores relacionados ao prognóstico.
- Identificar medidas de prevenção e controle e discutir a importância zoonótica da enfermidade.

3. MATERIAL E MÉTODOS OU RELATO DE CASO

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de consultas às bases de dados PubMed, Web of Science, SciELO, Google Scholar e Brazilian Journal of Veterinary

Research. Para a composição da revisão de literatura, foram selecionados artigos científicos, nacionais e internacionais, publicados sobre a temática abordada.

A estratégia de busca utilizou os seguintes descritores: doenças que afetam gatos, felinos, esporotricose, transmissão da esporotricose para seres humanos, zoonoses relacionadas a gatos, saúde pública, infecções fúngicas em felinos, manifestações clínicas da esporotricose, casos de esporotricose no Brasil, aspectos epidemiológicos da doença, diagnóstico diferencial, tratamento da esporotricose, formas extracutâneas da infecção e ocorrências incomuns da enfermidade.

Os estudos selecionados foram analisados e utilizados como base para a fundamentação teórica, considerando sua relevância científica e sua contribuição para a compreensão dos aspectos clínicos, epidemiológicos, diagnósticos e terapêuticos da esporotricose felina e sua importância para a saúde pública.

4. RESULTADOS

A literatura reunida no material-base descreve a esporotricose como uma infecção fúngica que acomete diferentes mamíferos, com destaque para os gatos domésticos. A exposição dos felinos está relacionada à inoculação traumática, incluindo arranhaduras e mordidas, e ao contato com ambientes potencialmente contaminados.

Quanto às manifestações clínicas, foram identificadas apresentações cutâneas localizadas ou disseminadas, linfocutâneas e extracutâneas. As lesões cutâneas descritas incluem nódulos, pústulas, abscessos, úlceras, áreas necróticas e crostas, com possível presença de secreção serossanguinolenta ou purulenta. A forma extracutânea é apresentada como menos frequente e pode envolver diferentes sistemas orgânicos.

Em relação ao diagnóstico, o material-base reúne a avaliação do histórico e dos sinais clínicos, exames hematológicos e bioquímicos, citologia, histopatologia e cultivo micológico. O cultivo é apontado como método importante para confirmação e identificação do agente.

No tratamento, o itraconazol é descrito como antifúngico de primeira linha para felinos. Outros fármacos mencionados incluem cetoconazol, fluconazol, terbinafina, anfotericina B e iodeto de potássio. O prognóstico é apresentado como variável,

relacionado à resposta imunológica, à extensão da infecção, ao tempo de evolução e à cepa envolvida.

As medidas preventivas reunidas incluem castração, manejo para reduzir o acesso à rua e situações de disputa, cuidados ambientais, guarda responsável e ações educativas. O material também destaca a transmissão zoonótica e a relevância da doença para a saúde pública.

5. DISCUSSÃO

As informações reunidas apontam os felinos domésticos como importantes na epidemiologia da esporotricose, especialmente em contextos de acesso à rua e de comportamentos que favorecem mordidas e arranhaduras. Essa relação é compatível com a descrição de Larsson (2011), Montenegro et al. (2014), Macêdo-Sales et al. (2018) e Andrade et al. (2021), citados no material-base, sobre a exposição dos animais e a inoculação traumática do agente.

A diversidade de manifestações clínicas descritas reforça a necessidade de considerar a esporotricose entre as hipóteses diagnósticas diante de lesões nodulares, ulceradas ou exsudativas em felinos. A possibilidade de disseminação linfática ou hematógena, além do comprometimento extracutâneo, é apontada por diferentes autores citados no documento, incluindo Little (2015), Pires (2017) e Barros, Almeida Paes e Schubach (2011).

No campo diagnóstico, o material-base apresenta a associação entre histórico, avaliação clínica e exames laboratoriais como elementos relevantes. A citologia pode contribuir para a investigação inicial, enquanto a histopatologia caracteriza as alterações teciduais e o cultivo micológico auxilia na confirmação e identificação do agente. A combinação dos dados clínicos e laboratoriais é particularmente pertinente diante da variedade de apresentações da doença.

Quanto à terapêutica, o itraconazol é destacado como opção de primeira linha para felinos, embora o documento também registre a existência de alternativas e limitações relacionadas a alguns fármacos. A discussão do tratamento deve considerar que a evolução pode ser prolongada e que o acompanhamento veterinário e a adesão do tutor são relevantes para a continuidade da terapia. O material-base não fornece

uma comparação sistemática de taxas de cura entre protocolos, portanto não é possível estabelecer, a partir dele, uma superioridade quantitativa entre todos os tratamentos citados.

A dimensão zoonótica amplia a relevância da doença para além da clínica veterinária. Os relatos de transmissão por arranhaduras, mordidas e contato com animais infectados, associados à possibilidade de manifestações humanas extracutâneas, sustentam a importância de ações integradas de vigilância, educação em saúde, manejo responsável e diagnóstico oportuno. As medidas preventivas descritas no material-base, como castração e redução da exposição ambiental, devem ser compreendidas como parte de uma abordagem ampla de controle.

6. CONCLUSÃO

A esporotricose felina representa uma enfermidade de importância clínica e epidemiológica, tanto pelos efeitos que pode provocar nos animais quanto por seu potencial de transmissão para seres humanos. O conhecimento de suas formas de apresentação, dos métodos diagnósticos e das possibilidades terapêuticas contribui para o reconhecimento e o manejo da doença.

A prevenção e o controle dependem de uma atuação conjunta entre tutores, profissionais da Medicina Veterinária e serviços de saúde, com atenção à guarda responsável, ao manejo dos felinos, à educação da população e à vigilância da enfermidade. Dessa forma, a abordagem da esporotricose deve integrar a saúde animal e a saúde pública.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. B.; ALMEIDA PAES, R.; SCHUBACH, A. O. Sporothrix schenckii and sporotrichosis. Clinical Microbiology Reviews, 2011.

BAZZI, T. et al. Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 36, n. 4, p. 303-311, 2016.

EYER-SILVA, W. A.; SILVA, G. A. R.; MARTINS, C. J. A challenging case of disseminated subcutaneous mycosis from inner Rio de Janeiro State, Brazil. The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene, v. 97, n. 5, p. 1280-1281, 2017.

FRANCESCHI, N. T. et al. Esporotricose óssea em gato causada por Sporothrix brasiliensis. Acta Scientiae Veterinariae, v. 45, supl. 1, Pub. 241, 2018.

JERICÓ, M. M.; KOGIKA, M. M.; DE ANDRADE NETO, J. P. Tratado de medicina interna de cães e gatos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

LARSSON, C. E. Esporotricose. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

LÁZARO, A. P. P. et al. Esporotricose pulmonar: relato de caso. Pulmão RJ, v. 17, n. 2-4, p. 101-104, 2008.

LOPES-BEZERRA, L. M.; MORA-MONTES, H. M.; ZHANG, Y. Sporotrichosis between 1898 and 2017: the evolution of knowledge on a changeable disease and on emerging etiological agents. Medical Mycology, v. 56, supl. 1, p. S126-S143, 2018.

LITTLE, S. O gato: medicina interna. Tradução de Idilia Vanzellotti e Roxane Gomes dos Santos Jacobson. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

LUTZ, A.; SPLENDORE, A. Sobre uma mycose observada em homens e ratos (contribuição para o conhecimento das assim chamadas sporotricoses). Revista de Medicina, São Paulo, v. 10, p. 443-450, 1907.

MACÊDO-SALES, P. A. et al. Domestic feline contribution in the transmission of Sporothrix in Rio de Janeiro State, Brazil: a comparison between infected and non-infected populations. BMC Veterinary Research, v. 14, n. 1, p. 19, 2018.

MCVEY, D. S.; KENNEDY, M.; CHENGAPPA, M. Microbiologia veterinária. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C. Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia. Rio de Janeiro: Roca, p. 799-821, 2016.

MEINERZ, A. R. M. et al. Felino doméstico como transmissor da esporotricose em trabalhador rural: relato de caso. Arquivos do Instituto Biológico, São Paulo, v. 74, n. 2, p. 149-151, 2007.

MILLINGTON, M. A. Esporotricose. Ministério da Saúde: CDGT, 2017.

OROFINO-COSTA, R. O. et al. Sporotrichosis: an update on epidemiology, etiopathogenesis, laboratory and clinical therapeutics. Anais Brasileiros de Dermatologia, v. 92, n. 5, p. 606-620, 2017.

PEREIRA, S. A.; GREMIÃO, I. D. F.; MENEZES, R. C. Sporotrichosis in animals: zoonotic transmission. In: Sporotrichosis. Cham: Springer, 2015. p. 83-102.

SANTOS, D. L.; LUCAS, R.; LALLO, M. A. Epidemiology of viral immunodeficiency, viral leukemia and infectious peritonitis in cats from a veterinary hospital. 2018.